

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: Uma crítica baseada em Blomberg e Armstrong acerca da teologia latino-americana da libertação

Silvio Smorgenni Ferreira Ribeiro¹
Samuel Marques Campos²
José Elidio de Queiroz Júnior³

RESUMO

Os irmãos Leonardo e Clodovis Boff em “Como Fazer Teologia da Libertação”, propõem uma abordagem alternativa para a leitura das Escrituras a partir do contexto de opressão e pobreza na América Latina. Construída em categorias marxistas, essa abordagem destaca a práxis libertadora, onde a teologia se torna a ferramenta para a emancipação dos pobres nas esferas sociopolíticas. No entanto, abordagens teológicas tradicionais como as de Craig Blomberg, expressas em “Nem Pobreza Nem Riqueza, As Posses Segundo a Teologia Bíblica” e Aaron Armstrong em “O Fim da Pobreza” resistem a essa proposta. Há uma tentativa de interpretações equilibradas sobre a pobreza e a riqueza que abordam a necessidade de integrar a transformação espiritual, a teologia da generosidade e a justiça social. A suposição que alimenta esta análise é que a Teologia da libertação se limita à solução dos problemas sociais, priorizando uma abordagem marxista e ignorando contextos bíblicos como o pecado humano, a centralidade de Jesus Cristo, e a transformação do ser humano a partir dos ensinamentos de Jesus. O estudo adotou o método da leitura analítica e comparação dos trabalhos mencionados para determinar os principais pontos de unidade e diferença entre os livros dos autores. Além disso, serão levantadas hipóteses teológicas e práticas que orientarão a análise ao longo do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia da libertação, Pobreza, Centralidade de Cristo, Libertação.

¹ Graduado em Teologia pelo Seminário Batista do Sul. E-mail: silviosmorgenni@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia da Religião (PPGSA-UFPB), Mestre em Ciências da Religião (PPGCR-UEPA). Docente acadêmico, coordenador de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE) – Seminário Teológico Batista Equatorial. E-mail: samuel.campos@fatebe.edu.br.

³ Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e Doutorando Internacional em Educação pela Ivy Enber Christian University. Docente acadêmico da Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE) – Seminário Teológico Batista Equatorial. E-mail: pr.elidioqueiroz@gmail.com.

ABSTRACT

The brothers Leonardo and Clodovis Boff in "How to Do Liberation Theology" propose an alternative approach to reading the Scriptures from the context of oppression and poverty in Latin America. Built on Marxist categories, this approach highlights the liberating praxis, where theology becomes the tool for the emancipation of the poor in sociopolitical spheres. However, traditional theological approaches such as those of Craig Blomberg, expressed in "Neither Poverty Nor Wealth, Possessions According to Biblical Theology" and Aaron Armstrong in "The End of Poverty" resist this proposal. There is an attempt to create balanced interpretations of poverty and wealth that address the need to integrate spiritual transformation, the theology of generosity, and social justice. The assumption that underlies this analysis is that Liberation Theology is limited to solving social problems, prioritizing a Marxist approach and ignoring biblical contexts such as human sin, the centrality of Jesus Christ, and the transformation of humanity based on the teachings of Jesus. The study adopted the method of analytical reading and comparison of the mentioned works to determine the main points of unity and difference between the authors' books. Furthermore, theological and practical hypotheses will be raised to guide the analysis throughout the text.

KEYWORDS: Liberation theology, Poverty, Centrality of Christ, Libetration.

INTRODUÇÃO

A pobreza é sem dúvida um dos maiores desafios do mundo moderno, mas, afinal o que fazer? É possível acabá-la? É possível um mundo mais justo, sem desigualdade, sem preconceito racial, linguístico, social, entre outros?

De acordo com Organização das Nações Unidas o mundo tem pelo menos 1,1 bilhão de pessoas pobres em vários níveis. 27,9% das crianças no mundo vivem na pobreza, em comparação com 13,5% dos adultos. Tivemos uma piora em comparação com 2010, que apontava 900 milhões de pessoas. O Brasil tem uma proporção de 3,8% de pobres em vários campos e 3,5% vivem abaixo do limiar da pobreza. Em pelo menos 86 países com os dados harmonizados, até 76 reduziram a pobreza de forma significativa. (ONU NEWS, 2024)

A respeito da melhora significativa deste quadro, Blomberg (2024) declara que são ações de:

Organizações cristãs e outras ONGs desempenharam um papel significativo para que isso se tornasse realidade, mas o mesmo aconteceu com governos locais e estrangeiros, bem como com o setor empresarial privado. O estabelecimento de

microempresas por pessoas pobres ou cooperativas de pessoas menos abastadas muitas vezes abriu portas para proporcionar o crescimento econômico necessário para aliviar os aspectos mais deletérios da pobreza humana. Ainda assim, 900 milhões, entre mais de 7 bilhões de habitantes globais, não é um número pequeno. Embora a COVID-19 tenha dificultado em muito a coleta de estatísticas e, em algumas partes do mundo quase impossibilitou, houve praticamente um consenso de que os progressos alcançados no combate à pobreza começaram a ser revertidos. Uma vez pior da pandemia passou, alguma redução da pobreza recomeçou, mas não no ritmo que ocorria antes e nem em todos os países que anteriormente haviam progredido. (BLOMBERG, 2024, p. 3).

Mesmo com esta melhora muita gente sofre com a pobreza. Nos países tidos como desenvolvidos, a desigualdade entre ricos e pobres aumenta cada vez mais, embora nunca de forma igual. Mesmo com evoluções significativas de países como o Brasil, que tem feitos progressos notáveis na melhoria do padrão de vida, ainda assim tem-se um número significativo de seus habitantes que permanecem muito pobres.

Blomberg (2024) ressalta:

O sofrimento em decorrência de “causas naturais” sempre agrava os problemas em qualquer parte do mundo – os desdobramentos de terremotos e vulcões, inundações e tsunamis, fomes e doenças, tornados e ciclones, furacões e tufões, para citar apenas os mais proeminentes. O sofrimento causado pelos humanos por meio de guerra, crises de refugiados, governos corruptos, tráfico de seres humanos, transgressão de outros direitos humanos e afins aumenta o problema, assim como as más escolhas das próprias pessoas com uso de substâncias entorpecentes, assassinato, roubo, estupro, sequestro, abuso conjugal e abuso infantil, e assim por diante. É claro que, mesmo que a pobreza pudesse ser totalmente abolida por somente um dia de cada ano, ela voltaria logo no dia seguinte em decorrência de fatores como esses. (BLOMBERG, 2024, p. 4).

Apesar de todos os esforços, o problema principal continua sendo o homem. A história é testemunha das piores violências que os seres humanos fazem. Somos todos extraviados, perdidos e maus. O ser humano é um construtor de genocídios, violências, preconceitos, segregações, adultérios. O coração do ser humano é corrompido e emana toda a perversidade. Somos miseráveis e cheios de orgulhos. Segundo Aurélio Agostinho de Hipona em sua obra “Confissões”:

Teremos estas misérias na conta de desprezíveis? Haverá qualquer coisa que me restitua a esperança, a não ser a vossa conhecida misericórdia, que principiou a obra da minha conversão? Vós sabeis quanto me transformastes já. Curastes-me a paixão da vingança, para depois me perdoardes todas as minhas maldades, para me curardes todas as fraquezas, para me resgatares da morte à vida, para me coroades com a vossa graça e misericórdia e, enfim, para saciardes, com os vossos bens, os meus desejos. Depois, rebatestes o meu orgulho com o vosso temor e amansastes a minha cerviz sob o vosso jugo. (AGOSTINHO, 2024, p. 452-453).

A teologia da libertação vem nos apresentar, com fundamentos marxistas, uma ideia de ação para solução da pobreza. O recorte nas Escrituras apresenta os empobrecidos como prioridade e a proposição de uma cisão ou ruptura de relacionamento da classe oprimida de seus opressores, conforme apresentada pelos irmãos Leonardo e Clodovis Boff em “Como Fazer Teologia da Libertação”. A práxis libertadora provoca o cristão genuíno, segundo as palavras dos irmãos Boffs, a ser agente direto na luta contra injustiças sociais e traz a igreja para dentro da política. A antropologia vivenciada por esta vertente teológica negligencia, segundo Armstrong (2015), a centralidade da salvação espiritual e da transformação pessoal.

Em contraponto, teólogos mais tradicionais oferecem resistência a alguns princípios deste pensamento, oferecendo uma visão mais bíblica de forma equilibrada sobre pobreza e riqueza. Este estudo fundamenta-se primariamente nas reflexões dos seguintes autores: Craig Blomberg (2024) e Aaron Armstrong (2015). Estes e outros autores destacam a importância de integrar transformação espiritual, generosidade e justiça social para redução dos índices de pobreza e desigualdades.

Então, de que precisamos ser libertos? A Teologia da libertação traz uma contribuição importante ao chamar a atenção para a necessidade de justiça social e o cuidado com os pobres, aspectos presentes no coração do evangelho, segundo esta vertente teológica. Mas exagera a dimensão sociopolítica. A leitura do homem na escatologia Bíblica não tem esperança no intra-mundo, a esperança é na volta de Cristo.

Segundo o texto de Romanos 3.9-12⁴:

Que concluiremos então? Temos vantagem? De maneira nenhuma! Já demostramos que ambos, judeus e gregos, estão todos debaixo do pecado. Como está escrito: “não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se justamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nenhuma sequer”.

O homem caído tem que ser liberto do pecado, afinal mesmo que pudéssemos viver sem pobreza por um dia, o homem por ele mesmo destrói tudo novamente. O homem não tem passividade na história. Segundo Armstrong (2015, p.18), a culpa da pobreza é o pecado. A queda do homem descrita em Gênesis 3, que o deixou destituído da glória do Senhor o seu criador.

³ Para todas as referências bíblicas citadas no texto, será usado a tradução da Nova versão Internacional (NVI).

Diante do exposto, levantamos algumas hipóteses da relação entre a Teologia da Libertação apresentada pelos irmãos Boffs em contraponto a Teologia apresentada por Blomberg e Armstrong respectivamente:

- A utilização de fundamentos marxistas na teologia da libertação dos Boffs distorce a mensagem bíblica ao reduzir o evangelho à luta de classes e à transformação sociopolítica, negligenciando a centralidade da salvação espiritual e a transformação pessoal proposta pelas Escrituras, como sugerida por Blomberg.
- A teologia da libertação, ao priorizar uma agenda política e social, muda a missão da Igreja, deslocando a centralidade do evangelho e perturbando o equilíbrio entre proclamação espiritual e ação prática, como apontam Blomberg e Armstrong.
- As propostas de redistribuição econômica defendidas pelos Boffs carecem de soluções integrais que incluam aspectos espirituais e culturais, conforme destacado por Armstrong, e podem gerar dependência em vez de empoderamento sustentável.
- Blomberg e Armstrong defendem que a espiritualidade proposta pelos irmãos Boff é essencialmente humanista (horizontal) e centra-se na prática política, ignorando a dimensão vertical da fé (a relação entre o homem e Deus) necessária para uma transformação.

Ao analisarmos as hipóteses, será possível avaliar as estratégias e pensamentos dos autores citados sobre o papel do cristão e como a igreja fundada pelo Senhor Jesus age ou deve agir conforme os seus ensinamentos no que se refere a pobreza. Além disso, poderemos analisar as divergências e congruências de pensamentos dos autores citados como base deste estudo.

1. CHEGADA AO TEMA

De acordo com o Manifesto do Partido Comunista “A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe” (MARX, 2020, p. 10). “Por isso, a Teologia da Libertação usa o marxismo de modo puramente *instrumental*.” (BOFF, BOFF, 2001, p. 50, grifo dos autores). Com base nesta afirmação, surge um grande movimento sócio-político-econômico de caráter revolucionário separatista que busca uma ruptura de classes. Esse movimento é conhecido como Teologia da Libertação Latino-Americana.

Teologia da Libertação Latino-Americana (TLLA) é um movimento teológico social que nasce na América Latina na década de 1960, ganhando força durante os anos 1970 e 1980. Seu foco é um recorte interpretativo do evangelho à luz das injustiças sociais e econômicas vivenciadas pelos pobres e marginalizados. Ela faz uma exegese das Escrituras centrada nas experiências dos oprimidos, de acordo com lentes marxistas, em que se exige um esforço de um rompimento da classe operária de seus opressores.

É necessário, neste cenário, voltarmos no tempo e falarmos sobre a história desde a Idade Média, de forma reduzida e concentrada em três temas: Teocentrismo, Educação e Sociedade. Pensando nisso, é importante ressaltar o que Costa (2018, p.10) discorre:

O estudo do passado, se devidamente compreendido, ainda que não exaustivamente, pode nos levar a reavaliar as nossas próprias suposições que, em muitos casos, são “crenças correntes” já tão bem estabelecidas que julgávamos acima de qualquer “suspeita”.

Ainda para Costa (2018):

Quando não podemos conhecer alguém diretamente, sabemos que obter informações apenas pelos seus amigos pode nos conduzir a uma compreensão por demais cãndida. Da mesma maneira, conhecer pelos olhos de seus inimigos é algo preocupante e, certamente, nos conduzirá a equívocos graves. Estas duas formas paralelas de conhecer podem ser infundamente enganosas. Como fica evidente aqui, não há nenhum tipo de agnosticismo; antes, a cautela própria de quem crer na possibilidade do conhecimento, contudo, sabendo que não temos acesso direto aos fatos, antes todo o nosso conhecimento é mediato, depende de meios que vão desde o lugar físico onde nos encontramos, passando pela nossa capacidade física e psíquica de perceber as fontes disponíveis, até os nossos referenciais teóricos que oferecem determinados enfoques ideais, privilegiando ou mesmo criando aspectos da realidade.

A Idade Média é um período marcado por mil anos, tendo uma igreja católica forte, em que a força política do clero era gigantesca. De acordo com Costa (2018) filósofos-teólogos eram dominados pelo “sagrado”, e seus ditos alimentavam homens religiosos sedentos de uma intimidade com Deus. Na educação, este é o período do surgimento das universidades no século XII (COSTA, 2018). As mesmas só podiam ser criadas pelo Imperador ou pelo Papa. Este cenário abre espaço para intercâmbios culturais. As aulas ministradas em latim contribuíram mais à frente para formação da cultura latino-cristã. Este poder dado à igreja foi a maneira do clero manter seu monopólio. Costa (2018) cita o surgimento da Faculdade de Teologia de Paris considerada pela Igreja Católica como a árvore da vida. Esta faculdade era responsável por levar a ciência divina para os humanos.

As universidades tornam-se um instrumento corporativo de monopólio cultural da igreja católica e rapidamente são criadas diversas por todo mundo. A sociedade por sua vez vive algo sem muitas modificações. As transformações eram lentas em todos os setores: cultural, social,

economia e política. As pessoas tinham o seu papel social e com isso estavam satisfeito e não necessitavam de mudanças. Essas mudanças sempre vinham por guerras, pragas ou as inevitáveis crises na economia. Segundo Costa (2018, p. 12):

Neste mundo não havia lugar para o lucro e a aventura; a hierarquia social estava tão rigidamente estabelecida que se confundia com a própria ordem divina; não se concebia homem sem senhor nem senhor sem terra; todas as tarefas se reduziam à do servo que trabalhava, à do guerreiro que guerreava, à do padre que orava e pregava .

No final do século XIII, e já com o surgimento de algumas cidades e com o aumento dos deslocamentos de pessoas para trabalharem, então começam as revoltas. Torna-se evidente a insatisfação com o estado das coisas, e movimentos em prol da liberdade começam a aparecer. No século seguinte, marcado pela revolta camponesa na Inglaterra, êxodo rural, fome na Europa, ciclo de peste negra, as coisas começam a agravar. Costa (2018) afirma que John Ball, o profeta do povo, influenciou muito esses movimentos com suas pregações, enfatizando o princípio da igualdade social, e que ainda John Huss e John Wycliff contribuíram de forma direta para a revolta dos camponeses da Inglaterra. Nesse período a igreja era contra a libertação dos serviais.

No final do século XIV surge um movimento oriundo, ou dentro do renascentismo, chamado de humanismo. Sobre o humanismo renascentista Costa (2018) afirma: “O Humanismo renascentista estava convencido da grandeza e capacidade do homem, tendo-o como fim de tudo, nunca como simples meio”. Dentro desse movimento começam a surgir as primeiras ideias do capitalismo e o enfraquecimento da igreja, agora que o sagrado deixou de ser mais importante e o homem virou o centro de toda a situação.

Observa-se que humanismo renascentista tem uma grande influência nas ideias do sofista grego Protágoras, que viveu antes de Cristo. O Homem pelo homem é o lema principal desse movimento. Costa (2018) afirma que o homem perde sua dignidade, como ser essencial que é, resultado ou imagem e semelhança a Deus.

No início da história moderna acontece a Reforma Protestante, e Bíblias são traduzidas para muitos idiomas, além de bibliotecas importantes que são fundadas com a invenção da imprensa. Em meio a esses acontecimentos importantes, percebe-se o início do enfraquecimento do clero católico. Paulatinamente, com o enfraquecimento da influência católica na sociedade, houve a formação de terreno propício para o surgimento da TLLA.

De acordo com Olsemann (2020, p.19) “A cada momento histórico da humanidade, existe uma necessidade de questionamentos e urgências”. No século XX, com o auge do

capitalismo, muitos passaram a entender que começou a crescer um sério desequilíbrio social, econômico, político e educacional na América Latina.

Diferentemente, a Europa vivia um equilíbrio depois de muitos conflitos com a classe menos favorecida dos operários. Nas américas, exceto a do Norte (considerada como opressora por muitos), há um cenário de guerra, opressões, muita violência, muita desigualdade social, condições precárias e muita fome. Diversos países viviam golpes militares, vivendo ditaduras. Sociólogos destes países voltam-se para temas sobre libertação; esta ideia também chega aos movimentos sindicais. O momento agora da igreja, segundo Olsemann (2020, p. 16), é fazer o seu papel de libertar o povo por meio da fé. Baseado no livro de Êxodo 3:7-10, Deus é um Deus libertador e liberta de todos os males. Deus conhece o sofrimento das pessoas e com sua misericórdia todos serão felizes e libertos.

Para Olsemann (2020, p. 18) a TLLA está dividida em três fases: a) Preparação, que vai de 1962 a 1968 marcada pelo Concílio Vaticano II, e a segunda conferência do episcopado na Colômbia. Esses eventos tratam da aproximação da Igreja Católica aos fiéis e o trato de assumir uma missão social, política para ser o agente transformador dos problemas sociais na América latina; b) A Formação, 1968 – 1975, nessa fase grandes autores publicam obras com este tema. Gustavo Gutiérrez, considerado o fundador da Teologia da Libertação e propôs a noção de que a teologia deve ser uma “reflexão crítica das práxis”, ou seja, a teologia deve ajudar os fiéis a transformar a sociedade. Leonardo Boff com sua obra Jesus Cristo o Libertador; e c) Sistematização: inicia em 1976, onde é desenvolvido um método próprio indutivo, partindo da realidade social até a doutrina.

1.1 VERTENTE PROTESTANTE

É na Universidade de Princeton, segundo Ribeiro (2018, p.685), que temos o início da Teologia da Libertação com sua origem protestante:

A origem protestante da Teologia da Libertação sempre traz à tona o controverso debate sobre o título da obra *Da Esperança*, (1987) de Rubem Alves (1933-2014). Trata-se da tradução tardia de *A Theology of Human Hope* (Uma Teologia da Esperança Humana) da tese doutoral do autor denominada *Towards a Theology of Liberation* (Por uma Teologia da Libertação), publicada em 1968, nos EUA, cujo título foi modificado pelo editor para garantir maior acessibilidade aos leitores da época. O argumento foi que a expressão “esperança” estava tendo certo destaque devido à divulgação das obras do teólogo alemão Jürgen Moltmann e o termo “libertação” não era bem difundido na época.

Ribeiro (2018, p. 685) afirma que a obra de Jürgen Moltmann é considerada a primeira obra, produzida sobre a Teologia da Libertação. No Brasil, o teólogo presbiteriano,

estadunidense Richard Shaull, é considerado um dos responsáveis, precursores pela disseminação da TLAL.

O quadro sociopolítico e eclesial da década de 1960 no Brasil, segundo Boff (1986):

possibilitava na América Latina a coragem de os teólogos pensarem nossas questões pastorais com a própria cabeça, isto tanto do lado católico como do lado protestante (especialmente do interior de ISAL: Igreja e Sociedade na América Latina). Teólogos como Gustavo Gutiérrez, Segundo Galileia, Juan Luis. Segundo Lúcio Gera e outros do lado católico e, do lado protestante, Emílio Castro, Júlio de Santa Ana, Rubem Alves e José Miguez Bonino começaram, mediante frequentes encontros, a aprofundar as reflexões sobre a relação entre fé e pobreza, evangelho e justiça social (BOFF; BOFF, 1986, p. 97)

Nesse contexto, segundo Ribeiro (2018, p. 684), chega ao Brasil a TLAL. A revista *Cristianismo y Sociedad* começa a publicar reflexões sobre a Teologia da Libertação, que teve o movimento ecumênico da Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL) e Responsabilidade Social da Igreja da Confederação Evangélica do Brasil como divulgadores deste novo pensamento.

Claudio Ribeiro não considera obras como marco de fundação. Em sua publicação “Raízes protestantes da teologia latino-americana da libertação”, o autor afirma que ter como marco literaturas seria negar a praticidade deste movimento e seus princípios metodológicos. Que nos escritos de Leonardo Boff (2001), a metodologia deste movimento consiste em uma abordagem que integra análise crítica da realidade, engajamento com a fé cristã e ação transformadora. Ver, julgar e Agir, estes são os três principais.

1.2 METODOLOGIA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO AMERICA LATINA

Segundo seus pensadores e idealizadores, na TLAL, há uma opção preferencial pelos pobres, em que coloca os pobres e marginalizados como centro da missão cristã, afirmando que Deus está ao lado dos oprimidos. Isso leva a reflexão sobre a realidade social, entender as causas estruturais da pobreza e da desigualdade. Incentiva os cristãos a agirem concretamente a transformar a sociedade, denunciando as injustiças e promovendo justiça social. A fé é vista como um compromisso que leva à ação social e política, em defesa dos direitos humanos da dignidade humana. A fé e a política estão sempre interligadas e a participação dos cristãos em movimentos sociais e lutas políticas é de práxis.

Segundo Boff e Boff (2001, p. 44), o esquema básico do método da TLAL, “... se processa em três momentos fundamentais, os quais correspondem aos três tempos do conhecido método pastoral: ver, julgar e agir.” No ver, observa-se a realidade concreta, analisando as

condições sociais e econômicas das pessoas pobres. No julgar, avalia-se essa realidade à luz dos ensinamentos cristãos e da Bíblia, identificando onde a justiça está sendo negligenciada. No agir, busca-se promover mudanças que conduzam a uma sociedade mais justa e solidária. Além do esquema básico citado acima Leonardo e Clodovis Boff (2001), fazem menção a outros princípios:

1. Opção preferência pelos pobres: este conceito é tema central da Teologia da Libertação. Segundo o autor, a prática cristã autêntica deve priorizar os marginalizados e oprimidos, pois eles são o foco do amor de Deus, e a missão do cristão é promover a dignidade e a justiça.
2. A práxis libertadora: A prática concreta da fé é agir contra as injustiças. Ser militante nas lutas dos menos favorecidos e liberta-los da opressão.

2. AS POSSES: NEM RIQUEZAS, NEM POBREZAS

O Dicionário de Língua Priberam fornece os seguintes significados para o vocábulo “pobreza”: “1. Estado ou qualidade de pobre. 2. Falta do necessário à vida; escassez, indigência, penúria. 3. A classe dos pobres. 4. Pequeno número, pouca abundância” (PRIBERAM DICIONÁRIO, 2025). Sobre a pobreza, o texto bíblico de Provérbios 30.8b revela o seguinte pedido a Deus: “[...] Não me dês nem pobreza e nem riqueza; dá-me apenas o alimento necessário...”.

Suter (1989:645-8) sugere que o epigrama de John Wesley (‘Ganhe tudo o que puder, guarde tudo o que puder, dê tudo o que puder’) está sendo substituído por: “O dinheiro resolverá todas os seus problemas”, “Siga a multidão e ganhe dinheiro” e “Gaste tudo o que puder”. (SUTER, 1989 *apud* BLOMBERG, 2024, p. 6).

Blomberg discorre que há uma necessidade de os cristãos entenderem sobre mordomia e oferece uma visão profundamente equilibrada e biblicamente fundamentado sobre as posses. Ele chama a atenção como que as pessoas têm gerenciado seu dinheiro, e estatisticamente falando, é impressionante como se tem gasto o dinheiro, as prioridades tem sido outras em detrimento ao pobre, viúvas e necessitados.

Citando os dados de Marty, Blomberg nos relata que: “Em 1994, foi calculado que a riqueza dos 387 bilionários do mundo equivale à renda combinada dos 45% de mais baixa renda de toda a população mundial ou cerca de 2,5 bilhões de pessoas” (MARTY, 1995, p. 2 *apud* BLOMBERG, 2024, p. 2).

Poucos com tantos e muitos sem nada. Qual seria a resposta cristã para contemporaneidade, quando se refere as posses, dinheiro? Qual a visão bíblica sobre o assunto? Eis nas próximas linhas a visão simplificada de Blomberg sobre o assunto.

2.1 AS POSSES NO ANTIGO TESTAMENTO

A visão equilibrada das posses é importante para não condenarmos aos que elas detêm. A Bíblia orienta a termos mordomia e generosidade com aquilo que o Senhor nos confia.

A observação mais importante sobre o mundo material que surge da narrativa da Criação no primeiro capítulo de Gênesis é que Deus inicialmente criou algo bom. Sete vezes durante o capítulo, após cada grande estágio da Criação, o refrão afirma: *“viu Deus que isso era bom”* (Gn 1.4,10,12,18,21,25,31). (BLOMBERG, 2024, p.?)

Blomberg (2024, p. 20) descreve Deus como Criador, o dono de tudo usando como base o Salmos 24.1 que ressalta: *“Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam”*.

O ser humano, por sua vez, é chamado a exercer mordomia.

Uma vez que o homem é criado à imagem de Deus, ele é rei sobre a natureza. Ele governa o mundo em nome de Deus. É claro que isso não abre espaço para a exploração desordenada e a subjugação da natureza. Era esperado que os reis orientais da Antiguidade fossem dedicados ao bem-estar de seus subordinados-sobretudo, dos membros mais pobres e fracos da sociedade (WENHAM, 1987, p. 33 *apud* BLOMBERG, 2024, p. 15).

Ter posses, segundo o autor, não é ruim, mas deve ser entendida como parte da benção de Deus e do seu compromisso de sustentar sua criação. Entretanto, o homem cai, e o texto de Gênesis 3 nos revela toda esta história. Segundo Blomberg, este é o momento em que surge a corrupção das posses.

A queda da raça humana (Gn 3), o assassinato de Abel por Caim (Gn 4) e a destruição da maior parte da humanidade no Dilúvio (Gn 6-8) demonstram quão corrompida tornou-se a imagem de Deus nas pessoas. Como parte do julgamento divino sobre Adão, o trabalho se tornou fatigante (3.17-19). Mas a proibição do assassinato e a introdução da pena de morte como punição em Genesis 9.5-6 mostram que a imagem de Deus permaneceu, mesmo na humanidade caída. (BLOMBERG 2024, p. 6).

O livro de Tiago 3.9 nos afirma que todos nasceram a imagem de Deus. Esse processo precisa da renovação e isso está ligado a redenção do homem. O novo homem em Jesus Cristo, assim está escrito em (Cl 3.10; Ef 4.24). Portanto, segundo Blomberg (2024) algo indispensável nesse processo é nossa capacidade de se relacionar com Deus.

Duas aplicações opostas e extremas dessa teologia devem ser evitadas. Por um lado, a humanidade nunca deve ser reduzida ao meramente material. As ideologias modernas que protestam contra o especismo” ignoram ou rejeitam tal distinção bíblica. Por outro lado, o domínio sobre a criação dada aos seres humanos não lhe confere o direito de violarem o ambiente ou serem cruéis com os animais, mas a responsabilidade de cuidarem de todo o restante da ordem criada. (BLOMBERG, 2024, p. 29).

Abrão entendeu o conceito de Deus, que no contexto da Aliança foi bastante abençoado. Homem rico e sempre generoso. Segundo Wenham (1987, p. 299 *apud* BLOMBERG, 2024), a generosidade de Abrão com seu sobrinho Ló “é reconhecido pela maioria dos comentaristas como um modelo para seus descendentes imitarem” A maldade do ser humano está relacionada, segundo o autor, a um distanciamento do seu Criador.

2.1.1 Lei Mosaica

Blomberg, (2024) cita a lei como o cuidado de Deus com a justiça social e igualdade econômica. Os princípios seriam: O ano sabático e o Jubileu (Lv 25), perdão das dívidas, redistribuição de terras eram medidas usadas para acúmulo de riquezas. O dízimo era usado para bençoar e cuidar de pobres, viúvas e estrangeiros (Dt. 14:28-29), leis para trabalhadores (Dt 24:14-15) e leis que permitiam a colheita das sobras (Lv 19:9-10). Além disso os profetas como Amós, Miqueias, Isaías denunciavam toda injustiça e negligências vividas pelos necessitados. Além de alertar e denunciar a corrupção dos reis em busca de poder e riqueza.

2.2 AS POSSES NO NOVO TESTAMENTO

Jesus, como principal ator do Novo Testamento, traz as boas notícias de um reino que não é material e alerta sobre os perigos de acumular riquezas. O sermão do monte (Mt 5-7); o jovem rico (Mc 10:17-31); o bom samaritano (Lc 10:25-37); o rico insensato (Lc 12:16-21), ensinam aos seus discípulos serem sábios com suas posses para abençoar outros.

A igreja formada por Jesus aprende dele, e compartilha de forma voluntária (At 2:44-45; 4:32-37). Blomberg (2024) deixa muito claro que estes atos eram voluntários por pessoas generosas que entenderam os ensinamentos de Jesus. Ou seja, esses textos não caracterizam comunismo ou obrigatoriedade. Em continuação, Blomberg (2024) ensina que devemos usar nossos recursos para apoiar a obra de Deus, investir em missões e atender os necessitados. Que não é suficiente evitar o acúmulo material, é necessário sempre de forma ativa buscar formas de ajudar e compartilhar com os mais necessitados. Blomberg (2024), faz um chamado aos

cristãos para servirem, usarem suas posses para abençoar, sendo sempre simples e generosos à luz das Escrituras.

3. O FIM DA POBREZA: A POBREZA À LUZ DAS ESCRITURAS

Qual é a perspectiva do evangelho quando o tema é pobreza? Armstrong (2015) explora esta visão e nos faz refletir sobre questões de justiça social e pobreza. Apresenta uma conexão entre a queda do homem, o plano de redenção e a necessidade de Jesus Cristo como Salvador.

Portanto, a premissa básica deste livro é que os nossos esforços bem intencionados para resolver questões legítimas de pobreza e injustiça nunca devem perder de vista o fato de que a pobreza persistirá enquanto o coração do homem for governado pelo pecado. (ARMSTRONG, 2015, p. 17-18).

Seguindo essa trilha, Davi nos Salmos 51 discorre:

Tem misericórdia de mim, ó Deus, conforme o teu amor leal. Conforme a tua grande compaixão, apaga as minhas transgressões. Lava-me de toda a minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Pois eu mesmo reconheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Contra ti, somente contra ti, pequei e fiz o que era mau aos teus olhos, de modo que justa é a tua sentença e irrepreensível é o teu julgamento. Sei também que tens prazer na fidelidade em secreto; e no mais íntimo me ensinas a sabedoria. (Sl 51.1-6).

O salmista descreve a natureza do homem. E assim começamos a nossa reflexão sobre a obra de Aaron Armstrong.

3.1 O EVANGELHO E A JUSTICA SOCIAL: O PAPEL DA CRIAÇÃO

Armstrong (2015) afirma que quando o tema é pobreza, não se trata de algo tão simples. O problema é complexo e não está apenas ligado a esfera material. Dimensões econômicas, políticas e sociais estão sempre ligadas ao tema, mas tratar da problemática só por estas vertentes não solucionará. No entanto, o argumento de Aaron Armstrong é que a pobreza é um resultado do pecado, tanto na estrutura, quanto no indivíduo. A pobreza resulta da maldição aplicada por Deus ao homem caído.

Toda pobreza tem raízes na maldição. Tudo o mais são apenas ramos. A pobreza, portanto, é basicamente uma questão espiritual, não um problema material ou uma questão de políticas, sistema e governos. É por isso que as soluções que com frequência são oferecidas para a “resolver o problema da pobreza”, mesmo que bem intencionadas, podem parecer insuficientes. (ARMSTRONG, 2015, p. 33).

O destaque do autor é que o evangelho não traz em si só a mensagem de salvação, mas as boas novas que transformam comunidades e sociedades. O caminho de Jesus até a cruz lida diretamente com as raízes do pecado que causam a opressão, desigualdade e egoísmo. Segundo Armstrong (2015, p. 34), compaixão e generosidade são princípios bíblicos e devem ser práxis na vida do ser humano, mas a Bíblia afirma que a pobreza é resultado do pecado e da maldição. Tratar pobreza como causa social e política, praticando generosidade, compaixão, só está tratando os sintomas e não a causa, que é o pecado. “Em última análise, o pecado é a pobreza da qual todos sofremos” (ARMSTRONG, 2015, p. 35).

A afirmação de Armstrong (2015) é que o evangelho transforma integralmente, alcançando o homem individual e o seu coletivo social. Não se trata apenas de uma salvação para eternidade, mas de transformar pessoas fazendo com que elas pratiquem o amor e a justiça de Deus no presente. Para ele, o evangelho autêntico leva a ações de demonstrar a compaixão de Deus. Que está incluso, alimentar os famintos, cuidar dos doentes e defender os marginalizados. Ele enfatiza que Jesus Cristo proclama o reino de Deus agindo. Essas ações de cura, libertação e inclusão têm que ser copiadas por seus seguidores genuínos.

“Um mundo caído e habitado exclusivamente por pecadores: essa é a essência da pobreza. O pecado e seus efeitos e toda a criação são a pobreza da qual flui todo tipo de pobreza”. (ARMSTRONG, 2015 p. 36).

3.2 A NOVA CRIAÇÃO E O PAPEL DA IGREJA

Mesmo diante de todos os feitos no Antigo Testamento, o povo ainda continuava com seu coração escravo. Após quatrocentos anos de silêncio, em uma opressão sem fim, uma voz clama no deserto. O silêncio pairava. “Até que um dia multidões começaram a se reunir no rio Jordão, onde um homem estranho, João, filho de Zacarias, havia começado a ensinar. Sua mensagem inflamada tinha alvoroçado a nação”. (ARMSTRONG, 2015, p. 82).

Ele respondia: quem tem duas túnicas, reparta com o que não tem nenhuma, e quem tem alimento, faça o mesmo. Vieram também alguns publicanos para ser batizados e perguntaram-lhe: Mestre, que devemos fazer? Ele lhes respondeu: Não cobreis mais do que o prescrito. E também alguns soldados perguntaram: e nós, que devemos fazer? Ele lhes disse: De ninguém tomeis nada a força, nem façais denúncia falsa; e contentai-vos com o vosso salário. (Lucas 3.11-14 *apud* ARMSTRONG, 2015, p. 83).

Não acumular, não praticar extorsão. Doar aos necessitados. Eram as instruções de João. Cada ação desta tinha consequências diretas na vida das pessoas, seja na economia e nas necessidades diárias para sobrevivência.

A obra redentora de Deus, o chamado ao arrependimento está em andamento e o fim será a restauração de todas as coisas. A nova criação, conforme descrita nas Escrituras, é a promessa que Deus restaurará completamente o mundo, eliminado o pecado, a morte e todo sofrimento. Nessa visão não haverá mais pobreza, nem opressão ou desigualdade.

A igreja e os cristãos são chamados a viver como embaixadores de Deus, praticando aqui as boas obras e os valores do reino que virá. Isso inclui o trabalho ativo na luta contra as injustiças e em prol dos marginalizados. Essas ações demonstram a transformação, “novas criaturas”. Isso são atos da graça de Deus e de um coração transformado por Jesus. Há mandamentos, e para formar uma nova aliança, sempre haverá algo a obedecer. “A fidelidade à aliança é a obediência – obediência motivada não por obrigação, ou dever, ou desejo de marcar pontos com Deus, mas por amor a ele”. (ARMSTRONG, 2015, p. 74).

Os mandamentos de Cristo, descrito no livro de Mateus 22.37-40, nos falam sobre amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo com a si mesmo. Como obedecer a estas ordenanças? A Bíblia é muito clara nisso. Armstrong (2015, p. 75) descreve assim:

Amar o próximo de forma verdadeira e palpável é “prova” da nossa salvação tanto quanto qualquer outra coisa. A maneira de nos relacionarmos com Deus afeta diretamente a maneira de nos relacionarmos com as pessoas. A infidelidade ao Senhor leva à falta de preocupação com o próximo – mas o oposto acontece também.
E quem é o nosso próximo? A Parábola do Bom Samaritano responde com clareza. Alguém que tenha uma necessidade real...

3.3 A NECESSIDADE DE UM SALVADOR

Os pensamentos de Armstrong (2015) definem que todos os esforços humanos, embora necessários, são insuficientes para resolver os problemas da pobreza e injustiças no mundo. Ele relembra a célebre cena do encontro de João Batista com o messias. “No dia seguinte, enquanto batizava, João viu um homem caminhando ao longo das margens do Jordão e clamou: ‘Este é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo’” (ARMSTRONG, 2015, p. 85). Somente Jesus Cristo pode trazer a solução definitiva.

Apesar de nossos esforços, algumas pessoas vão continuar a ser pobres. Saber que Jesus é o único caminho pode realmente acabar com a pobreza nos liberta da culpa por sua existência permanente. Chegará o dia em que Jesus acabará com a pobreza para sempre, mas não será por meio de nós. (ARMSTRONG, 2015, p. 96).

Todas as ações humanas serão paliativas, mas nunca trará a solução definitiva. A raiz do problema se encontra na volta de Cristo, que restaurará tanto o homem como toda a criação. Armstrong (2015) reconhece que as iniciativas humanas nas questões sociais e econômicas

podem melhorar de forma temporária a vida das pessoas, mas desafia os cristãos a não depositar esperança em ideologias ou programas, mas em Cristo.

O Evangelho segundo Armstrong (2015), transforma a maneira de como as pessoas veem a pobreza. Quando o homem encontra a graça de Deus, isso gera compaixão e uma disposição para sacrificar-se pelos outros. A mudança interna é necessária para uma sociedade mais justa. Isso ainda não nos apartará do sofrimento, da iniquidade, do preconceito e de todos os males causados pelo homem.

Inspirado na revelação do apóstolo João, escrito em Apocalipse 21.1-4, que nos revela a volta de Cristo, Armstrong (2015) nos descreve o fim da pobreza:

“Difícilmente somos capazes de imaginar que os efeitos do pecado possam ser eliminados”, escreve William Hendriksen. “No entanto, eles serão cancelados para que todas as coisas sejam efetivamente ‘renovadas’. Para nos fortalecer em nossa fé de que ele prometeu que realmente fará isso, lemos: Olhe!” Essa é a esperança para qual olhamos em nossa mentalidade celestial. E essa esperança que levamos em consideração, conforme concluímos nosso estudo da pobreza e da resposta cristã. Sem a esperança da vinda da nova criação, não temos nada para oferecer àqueles que sofrem na pobreza. É essa esperança que devemos compartilhar, se estamos trabalhando para a assistência, o desenvolvimento ou a reforma social. (HENDRIKSEN *apud* ARMSTRONG, 2015, p. 122).

Enquanto isso não acontece: “Vamos, com os corações agradecidos pela misericórdia que Deus nos demonstrou, estender a misericórdia em palavras e ações para aqueles que desesperadamente necessitam dela...” (ARMSTRONG, 2015, p. 124).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o fim da pobreza está além das nossas forças. A proposta bíblica está centrada nos mandamentos de Deus e nos ensinamentos de Jesus. O homem caído precisa ser restaurado. Refazer a aliança e eticamente agir por meio da obediência e gratidão a Deus, da mesma maneira que Jesus agiu ou agiria.

A ação em favor dos menos favorecidos é uma forma generosa de apresentarmos as boas novas e novo homem que agora somos, quando restaurados pelo espírito do Senhor. A igreja que vive os princípios e obedece a aliança com Deus, de maneira natural, age em prol dos mais necessitados, espelhando a imagem do próprio Deus que há em nós.

Não há nenhuma necessidade de ideologias humanas. Os esforços sempre vão ser paliativos, pois o fim da pobreza será com a volta do cordeiro e a plantação do novo reino.

As hipóteses investigadas, no nosso ponto de vista, foram confirmadas, pois a teologia da libertação apresentada pelos irmãos Boffs (2001), realmente é profundamente influenciada

pela análise marxista, adotando categorias como luta de classes e a interpretação da história como um conflito entre opressores e oprimidos. Essa abordagem fundamenta a ação teológica nas práxis libertadoras, colocando a realidade social como ponto de partida de sua reflexão teológica.

Blomberg (2024), diverge deste enfoque, argumentando que o evangelho perpassa sistemas ideológicos e que a centralidade das Escrituras está na reconciliação espiritual e moral, e não nas lutas de classes. Armstrong (2015), critica soluções baseadas simplesmente nas estruturas. Ele argumenta que, sem a transformação espiritual, nenhuma abordagem sociopolítica pode trazer mudanças duradouras. Ambos concordam que a teologia deve confrontar as injustiças sociais, mas rejeitam a instrumentalização bíblica por uma perspectiva marxista.

A missão da igreja é redefinida pelos irmãos Boff (2001) como libertadora, enfatizando o engajamento político e social em prol dos marginalizados. Essa visão desloca o foco da proclamação do evangelho para a transformação das estruturas de poder e a promoção da justiça social, interpretando a fé cristã sob uma perspectiva essencialmente prática. Blomberg (2024) critica essa abordagem, e argumenta que a missão da igreja deve equilibrar proclamação do evangelho e ação. O anúncio da salvação é indispensável, quanto o serviço aos necessitados, sem sacrificar um pelo outro. Armstrong (2015) foca na transformação espiritual como ponto de partida para mudanças nas estruturas sociais.

Boff (2001) prega a redistribuição de renda como uma solução central para a pobreza, e aponta a desigualdade estrutural do sistema como causa das injustiças sociais. Blomberg (2024), discorda dessa visão unilateral. Ele argumenta que a Bíblia não apresenta uma condenação da posse de riquezas, mas sim de sua má administração e idolatria. A solução para a pobreza, segundo ele, envolve tanto justiça social quanto generosidade e boa administração dos recursos. Armstrong (2015), além da dimensão espiritual, defende que o combate à pobreza requer sustentabilidade, como educação, acesso a recursos e transformação cultural.

A espiritualidade segundo os irmãos Boff (2001), é ancorada nas práxis, onde a fé se concretiza no compromisso político e na luta pela libertação dos pobres. Essa perspectiva tende a negligenciar uma relação vertical do homem com Deus. Ficando apenas no homem pelo homem. Blomberg (2024) critica essa prática e considera que ela reduz a fé cristã a uma ética social. A busca pela salvação sempre será prioridade. Armstrong (2015), ressalta que a transformação espiritual precede qualquer outra ação para sustentar uma mudança social

Enfim, a defesa em prol dos mais necessitados é sim um princípio bíblico. O cristão genuíno tem que praticar generosidade, como mordomia, onde essas características nascem de um coração transformado, renovado, e não de imposições externas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Niterói, RJ: Valdemar Teodoro Editor, 2024. *E-Book*. Disponível em: <https://dn721805.ca.archive.org/0/items/santo-agostinho-confissoes/Santo%20Agostinho%20-%20Confiss%C3%B5es.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ARMSTRONG, Aaron. **O fim da pobreza**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

BLOMBERG, Craig L. **Nem pobreza, nem riqueza: as posses segundo a teologia bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2024.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Raízes da teologia contemporânea**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 25 out. 2024.

PRIBERAM DICIONÁRIO. “Pobreza”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pobreza>. Acesso em: 24 mai. 2025.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. 2. Ed. Lisboa: Avante, 1997. *E-book*. Disponível em: <https://www.pcp.pt/publica/edicoes/25501144/manifes.pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

ONU NEWS. Mundo tem pelo menos 1,1 bilhão de pessoas pobres em vários níveis. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/10/1839371#:~:text=Atualiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20%C3%8Dndice%20de%20Pobreza,13%2CONU5%25%20dos%20adultos>. Acesso em: 15 out. 2024.

OLSEMANN, Alexandre. **Teologia Contemporânea: católica**. São Paulo: Contentus, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 out. 2024.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Raízes protestantes da teologia latino-americana da libertação. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 682-702, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/24517/23208>. Acesso em: 10 out. 2024.